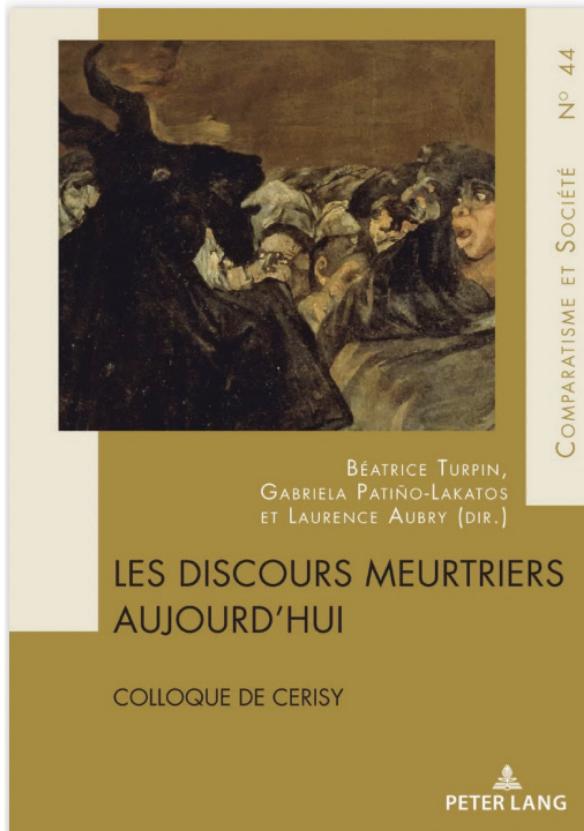


RESENHA/REVISIÓN/REVIEW



TURPIN, B.; PATINO-LAKATOS, G.; AUBRY, L. (org). *Les discours meurtriers aujourd'hui. Colloque de Cerisy*. Bruxelles: Peter Lang Verlag, 2022.

Luciano Magnoni Tocaia*

Universidade Federal de Minas Gerais

Desde 1952, o Centro Cultural Internacional de Cerisy, localizado na cidade francesa de Cerisy-la-Salle, organiza anualmente tradicionais colóquios cujo principal objetivo é, a partir do cruzamento de diversas disciplinas e saberes, reunir pesquisadores, professores, estudantes, artistas e demais interessados em trocas e discussões culturais e científicas sobre práticas artísticas, livros já publicados e múltiplas questões sociais, manifestas ou latentes. Dessas experiências e de suas reflexões fecundas nascem coletâneas editadas por diferentes casas publicadoras, tornando-se acessíveis ao público em geral.

É nesse contexto que a editora Peter Lang publica, na França, em 2022, a obra coletiva *Les discours meurtriers aujourd'hui* (*Os discursos mortíferos na atualidade*), ainda sem tradução no Brasil, organizada pela linguista Béatrice Turpin, pela psicóloga Gabriela

* Doutor em Letras. Professor de Análise do Discurso e Semiótica discursiva no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Universidade Federal de Minas Gerais. Email: lucianotocaia@gmail.com.

Patiño-Lakatos e pela psicanalista Laurence Aubry. Fruto de um colóquio realizado em Cerisy, em julho de 2018, o volume propõe-se a discutir fenômenos contemporâneos de violência, ódio, preconceito e intolerância propagados em diferentes contextos — sociais, históricos, políticos, econômicos ou subjetivos. Segundo a linha de uma publicação anterior, também originada de um colóquio em Cerisy sobre Victor Klemperer e a linguagem totalitária do regime nazista, referência comum à maioria dos autores, a coletânea busca não apenas examinar a dimensão mortífera dos discursos, mas igualmente questionar os fundamentos de sua eficácia. Muitas vezes legitimados política e religiosamente, tais discursos fomentam diversas formas de violência, engendrando ações discriminatórias e intimidatórias que dialogam com as ideias de Lecercle (2004), para quem a linguagem confere força material às ideias que encarna, permitindo, portanto, a convicção e a mobilização das massas.

Estruturado em três eixos centrais, o volume reúne 19 contribuições de campos disciplinares variados — semiótica, história, análise do discurso, sociologia, psicologia, psicanálise e ciências da comunicação — em um claro e profícuo propósito de explorar as tramas e os impactos dos discursos mortíferos nos debates atuais das ciências sociais. Embora eclética graças à diversidade de perspectivas, a obra mantém coerência ao demonstrar, ao longo de 382 páginas, como o discurso busca dar forma à realidade e estruturar ideologias, mesmo quando recorre a forças hostis e destrutivas. Ao percorrer atentamente cada capítulo, observa-se um conjunto de vozes que desvela o funcionamento dos discursos mortíferos, sua força de persuasão e os fatores — internos ou externos — que podem levar à adesão ou, ao contrário, à rejeição desses enunciados legitimadores de variadas violências. Não descreveremos aqui individualmente as contribuições, em função dos limites deste texto; buscaremos, antes, delinear os caminhos percorridos nos três eixos, evidenciando seus principais temas, linhas de força e múltiplos interesses.

O primeiro eixo, intitulado “Discursos religiosos e jihadismo contemporâneo”, aborda manifestações violentas e mortíferas materializadas em diferentes formações discursivas (Haroche; Henry; Pêcheux, 1971) do islã sunita e xiita contemporâneos, com ênfase no engajamento jihadista. Os seis textos, elaborados por pesquisadores em filosofia, psicanálise, comunicação, história das religiões, ciência política e ciências da linguagem, compõem um mosaico construído a partir de múltiplos horizontes e buscam apreender as principais características dos discursos jihadistas atuais, situando-os historicamente e geopoliticamente e considerando-os como parte dos fenômenos contemporâneos de violência social. Entre os temas tratados, destacam-se: o projeto sunita que concebe o terror e a destruição como formas de reafirmar a primazia de Deus; reações agressivas à modernidade ocidental; o engajamento de mulheres nazistas comparado ao de mulheres integrantes de organizações islâmicas em contextos de violência mortífera; as produções midiáticas do Estado Islâmico (Daesh) e a dimensão linguístico-performativa desses discursos; bem como o poder de captação exercido pelo Daesh sobre jovens, em perspectiva psicanalítica. Ao final desse eixo, percebe-se a convergência das vozes em torno da mesma problemática: a força de adesão aos discursos jihadistas mortíferos, em diálogo fértil com aqueles que se dedicam a pensar os modos de inscrição, legitimação e manifestação da violência por meio da religião.

O segundo eixo, “Respostas institucionais e contradiscursos”, convida o leitor a adentrar as respostas institucionais aos discursos mortíferos e aos contradiscursos produzidos diante da violência assassina. Nos seis textos que o compõem, pesquisadores das ciências da linguagem, estudos políticos, direito, história e psicologia discutem a implementação de dispositivos institucionais e jurídicos criados pelo Estado em resposta aos atentados jihadistas. Alguns textos evidenciam a violência desses discursos e interrogam seu papel na gênese e na evolução do conflito, instaurando contradiscursos que buscam resistir a tais efeitos, ao mesmo tempo em que refletem sobre formas de neutralizá-los. Observa-se que tais contradiscursos podem, por vezes, ser tão violentos quanto aqueles que pretendem combater, fato que gera novos impasses políticos. Outros trabalhos interrogam os discursos do governo francês difundidos após recentes atentados, igualmente qualificáveis como mortíferos, pois incitam a violência na forma de respostas destinadas a “exterminar o inimigo”.

A problemática ultrapassa, entretanto, o contexto francês. O eixo inclui análises de outras situações de violência extrema na Colômbia e na África do Sul. Nesta última, discutem-se as dificuldades de qualificar juridicamente um discurso como “mortífero”, examinando-se o valor político das *struggle songs* sul-africanas, sua dimensão discursiva e seus elementos artísticos —música, gestos e danças. Embora vistas por muitos como discursos de ódio, essas manifestações trazem impasses jurídicos no contexto das disputas em torno das memórias do regime segregacionista. Na Colômbia, por sua vez, aborda-se o desafio imposto às instituições no cuidado imediato às vítimas da violência armada, a partir da experiência de profissionais de saúde e segurança em grandes cidades como Bogotá, Cali e Medellín. Apesar da singularidade do período de violência armada vivenciado nessas cidades — atentados

terroristas, chacinas, tiroteios – os autores as consideram casos privilegiados para o estudo da violência urbana latino-americana, ainda pouco explorada, sobretudo no que diz respeito ao trabalho humanitário.

O terceiro e último eixo, “Discursos mortíferos, violências e construções identitárias”, continua a destacar casos de violência em outros contextos político-históricos, como os massacres perpetrados pelo regime do Khmer Vermelho no Camboja, o genocídio do povo tutsi em Ruanda e os discursos de ódio difundidos pela extrema-direita radical na mídia francesa contra acampamentos de imigrantes. Pesquisadores das ciências da linguagem, semiótica, literatura e psicanálise analisam textos e discursos veiculados em blogs, séries de televisão, cinema e imprensa escrita, cuja legitimação da violência e incitação aos discursos mortíferos se revela em múltiplos cruzamentos de olhares: das ciências da linguagem à psicanálise, da semiótica à retórica, das ciências da comunicação à psicologia clínica.

Alinhado aos propósitos da coletânea, o conjunto de sete textos oferece elementos que ajudam a elucidar a eficácia dos discursos mortíferos, mapeando características comuns de uma retórica incitativa – sobretudo direcionada a imigrantes – amplamente disseminada na internet, na mídia e em produções artísticas, como séries televisivas e filmes. No ambiente midiático, tais discursos recorrem frequentemente a imagens violentas que impõem ao espectador um trabalho psicológico intenso, resultando em estratégias variadas de recepção.

A obra se encerra com um testemunho que, ao relatar uma busca pessoal – a procura de um pai desaparecido, deportado pelos nazistas – instaura um ato de resistência. A trajetória da filha que tenta reconstruir, pela escrita, um diálogo com o ausente permite renascer um presente que interroga o passado, reconstruindo-o e reconhecendo-o. Nesse gesto, evidencia-se o papel da literatura na compreensão dos discursos mortíferos, cujos efeitos devastadores se reinventam continuamente em novas e intensificadas formas de existência.

Ao final da leitura, sobressai a impressão de que um dos interesses centrais do volume é mostrar que, apesar da diversidade teórica e disciplinar, as vozes reunidas convergem para um mesmo ponto: os discursos mortíferos podem recobrir discursos de ódio pelas paixões destrutivas que veiculam ou suscitam, mas deles se distinguem pela incitação explícita à morte e por sua justificação, fundamentada no enfraquecimento de toda alteridade.

Resta, por fim, reconhecer o mérito das organizadoras e dos autores pela empreitada assumida e pela reflexão interdisciplinar e fecunda que apresentam. Aos estudiosos dos discursos mortíferos, de ódio, preconceituosos, intolerantes e de resistência, fica o convite para conhecer de perto como cada contribuição examina e interpela as forças hostis e destruidoras que favorecem a adesão a tais discursos ou, inversamente, compõem trajetórias de subjetivação que permitem deles se emancipar.

REFERÊNCIAS

HAROCHE C., HENRY P., PECHEUX M. La sémantique et la coupure saussurienne : langue, langage, discours. *Langages*, n. 24, p.93-106, 1971.

LECLERCE, J-J. *Une philosophie marxiste du langage*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

TURPIN, B.; PATINO-LAKATOS, G.; AUBRY, L. (org). *Les discours meurtriers aujourd'hui. Colloque de Cerisy*. Bruxelles: Peter Lang Verlag, 2022.



Recebido em 29/03/2024. Aceito em 20/11/2025.

Publicado em 15/12/2025.